

O FUTURO DA RELIGIÃO: DA VERITAS À CARITAS

Márcio Antônio de Paiva

1. Introdução

O espírito intelectual moderno parece partilhar a tese de que a história da modernidade é a dupla afirmação da razão e do sujeito. Conseqüentemente, emerge daí uma dupla crise: de certezas e de modelos de orientação, ocasionando a crise da história e o referimento ao transcendente. Segundo o pensamento moderno, “êxito” é a única coisa que conta na história e se constitui como “verdadeiro Deus” radicalmente secularizado. A morte de Deus se converte no término da garantia de que tudo no final vai acabar bem. É nessa perspectiva que se coloca o pensamento de Nietzsche. Segundo Vattimo (1990, p.174), em *Al di là del Soggetto*, “a morte de Deus se constitui o evento mais radical da história da civilização ocidental, visto que é o mundo do homem que foi radicalmente modificado”. Em outros termos, a morte de Deus, junto com o fim da metafísica, é a crise do humanismo. (cf. VATTIMO, 1991, p. 40).

Tendo em vista que o pensamento pós-metafísico visa principalmente a uma ontologia do enfraquecimento que reduza o peso das estruturas objetivas e a violência dos dogmatismos, nossa proposta de trabalho se estriba na filosofia de Gianni Vattimo, procurando delinear o horizonte do retorno da religião. Nas palavras do filósofo, o enfraquecimento da filosofia chama-se secularização. A secularização não é abandono da religião, mas realização paradoxal de sua vocação íntima. A secularização é a história do pensamento fraco. Não nos é dito que Deus não existe, mas tão somente que não é claro o significado de afirmar ou negar sua existência. “Se Deus está morto, não há mais necessidade do ateísmo filosófico”. É como diz Vattimo:

O silêncio da filosofia sobre Deus, todavia, parece hoje privado de razões filosoficamente relevantes. Na maior parte, os filósofos falam de Deus, ou antes, se consideram explicitamente ateus ou irreligiosos, por mero hábito, quase por uma espécie de inércia. O fato é que, com a queda das metanarrativas (segundo a expressão de Lyotard) – das filosofias sistemáticas convictas de ter abordado a verdadeira estrutura do real, as leis da história, o método para o conhecimento do verdadeiro –, caíram também todas as razões fortes do ateísmo filosófico. (VATTIMO, 2002, p. 92)

Justamente porque o Deus-fundamento último não é mais sustentável, justamente por isso é novamente possível crer em Deus, pois o homem pós-moderno aprendeu a viver sem ânsias no mundo relativo das meias verdades. Buscaremos demonstrar a passagem que Vattimo realiza de um relativismo epistemológico para a *caritas*, como topos privilegiado da religião após a *religião*. No horizonte de uma filosofia da religião como exercício aberto da Abertura espiritual do humano, discutiremos os problemas de tal perspectiva e apontaremos sua contribuição para ler o campo religioso brasileiro.

2. Horizonte do *Pensiero Debole*

A descrição desse horizonte é feita pelo próprio Vattimo, quando juntamente com Pier Aldo Rovatti, delineava a sua perspectiva filosófica. É importante, aqui, ressaltar que um suposto pensamento frágil, ao ocupar o lugar de uma ontologia forte, acaba por tornar-se também ele forte, a não ser que se desdissesse a todo tempo os ditos de tal pensamento. Não obstante isso, pensava Vattimo em 1983:

O título “pensamento frágil” faz alusão a tudo isso: essencialmente, à ideia que: a) se deva levar a sério a descoberta nietzschiana e, talvez também a marxiana, do nexos entre evidência e metafísica (portanto, a inexorabilidade do fundamento) e relações de domínio, dentro e fora do sujeito; b) sem todavia declinar imediatamente esta descoberta numa filosofia da emancipação através do desmascaramento e da desmistificação, mas antes voltando um novo e mais amigável, porque mais distendido e menos metafisicamente angustiado, olhar ao mundo das aparências, dos procedimentos discursivos e das formas simbólicas, vendo-as como o lugar de uma possível experiência do ser; c) não porém no espírito de uma “glorificação dos simulacros” (Deleuze), que terminaria por conferir-lhe o mesmo peso do *ontos on* metafísico, mas na direção de um pensamento capaz de articular-se (portanto, de raciocinar) na meia luz (segundo um verossímil sentido da *Lichtung* heideggeriana); d) tendendo também à identificação – assaz problemática – entre ser e linguagem que a hermenêutica retoma de Heidegger, não como um modo de reencontrar o originário, verdadeiro, que a metafísica esqueceu nos seus êxitos cientificistas e tecnológicos; mas como uma via para encontrar de novo o ser como vestígio, recordação, um ser consumado e enfraquecido (e por isso, somente digno de atenção). (VATTIMO & ROVATTI, 1995, p. 9).

Primeiro comentário que se impõe aqui é justamente a pergunta: o pensamento frágil – meia luz da razão – assume agora o lugar da *veritas*? Ou representa apenas uma dimensão do relativismo contemporâneo? Perguntas são para pensar e não para obterem respostas, por isso continuemos na pegadas de Vattimo, procurando dentro do seu horizonte o futuro da religião.

De início, pode-se pensar que Vattimo apenas adere ao relativismo, mas não compartilhamos desta ideia. O relativismo é somente outra face do fim da metafísica. Não existe mais um valor supremo em relação ao qual mensurar todos os outros valores. Nietzsche escreve que agora que Deus é morto e queremos que vivam muitos dos relativismos não significa ausência de valores, mas fim da pretensão do valor absoluto, constata o filósofo italiano Gianni Vattimo, em entrevista concedida à IHU On-Line. O tema do relativismo é muito atual. E o lugar da religião neste debate é inquestionável. Também é um fato que a imensa maioria dos humanos não está disposta a aceitar, sem mais, por exemplo, o assassinato de inocentes, o abuso de crianças e de mulheres ou a mentira de governantes. Nesse sentido, há realmente normas constantes. Mas estas normas devem sempre ser realizadas numa situação concreta e essas situações podem ser muito diversas. E, quando o papa se queixa com razão de uma “ditadura do relativismo”, deve-se, de outra parte, acentuar que outras tantas pessoas lastimam uma ditadura do absolutismo: que alguém quer saber, sozinho no mundo, o que é “a verdade”, por exemplo, em questões de regulação de nascimentos, aborto, tecnologia genética, ajuda a moribundos e assim por diante. Nós não necessitamos nem de uma ditadura do relativismo, nem de uma ditadura do absolutismo (cf. VATTIMO, 2010b).

“Um novo e mais amigável olhar”! Tal meta do pensamento frágil seduz, pois traz em seu bojo uma espécie de bondade que o logos não suporta, uma humanidade que a ontologia violentou. Talvez aí resida o lugar mais originário da religião. Mas, antes, perscrutemos o horizonte da *veritas*.

3. O enfraquecimento do horizonte da *veritas*

Depois do anúncio da morte de Deus, do fim da metafísica e do fim da história, resta-nos proclamar o fim da ideia de fim. Talvez seja isso mesmo o que a pretensão da *veritas* deixou ao Ocidente como legado filosófico. Nessa perspectiva Girard dizia: “as filosofias estão na verdade quase mortas; estão quase extintas as ideologias; quase totalmente acabadas as teorias políticas, e a confiança no fato de que a ciência possa substituir a religião está hoje superada” (VATTIMO, 2010a, 38). Por isso mesmo, pode-se pensar o mundo atual como aquele ao qual está retornando a tragédia, e se vemos a tragédia como religiosa, então há esperança (cf. VATTIMO, 2010a, 39). Foi o horizonte da *veritas*, da adequação entre pensamento e realidade, caminho de verdades absolutas, que nos deu o mundo que aí está.

A constatação da superação da *veritas* é descrita por Vattimo nos seguintes termos: “o itinerário da filosofia contemporânea – dos jogos de linguagem, em Wittgenstein, à ideia do ser como acontecimento, de Heidegger, à particular versão do pragmatismo de Richard Rorty – eu o vejo como uma passagem da *veritas* à *caritas*” (VATTIMO, 2010a, 40). A partir dessa perspectiva se pode voltar à religião, “porque se compreendeu que todos os conhecimentos que se consideravam definitivos são dependentes de paradigmas históricos, de condicionamentos de natureza vária, social, política, ideológica e assim por diante. Não podemos mais dizer que, como a ciência não conhece Deus, Deus não existe. A ciência não consegue nem mesmo estabelecer se significa alguma coisa dizer que estou enamorado. Todas as coisas essenciais que caracterizam a nossa vida, isto é, os sentimentos, os valores, as esperanças, não objeto da ciência” (VATTIMO, 2010a, 40-41).

“Um novo e mais amigável olhar”. A hermenêutica foi assumindo, na perspectiva vattimiana, o lugar cristalizado da *veritas*, do dogma. Por isso, o filósofo pode dizer: “com o cristianismo, podemos deveras dizer *graças a Deus sou ateu*, isto é, graças a Deus não sou idólatra, graças a Deus não acredito que existam leis da natureza, não acredito que existam coisas além das quais não se pode andar. Creio apenas que devo amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a mim mesmo” (VATTIMO, 2010a, p. 34). Assim, pode-se definir “o cristianismo como ato de amor antes que revelação de verdade” (VATTIMO, 2010a, 47). Como consequência, “é preciso se tornar intérprete e não simplesmente alguém que passivamente contempla a verdade ou a presume” (VATTIMO, 2010a, 77).

4. Desafios do horizonte da *caritas*

Como um dos expoentes do pensamento frágil, Vattimo está convicto de que o horizonte da *caritas* se desvela a partir de uma “teoria da fraqueza e do enfraquecimento”, ou seja, “uma tentativa de ligar os critérios de comunidade aos critérios de dissolução da força do ser” (cf. VATTIMO, 2010a, 75). Assim, ele se expressa:

A verdade que, segundo Jesus, nos tornará livres não é a verdade objetiva da ciência e nem mesmo a verdade da teologia: assim como não é um livro de cosmologia, a Bíblia também não é um manual de antropologia ou de teologia. A revelação escritural não é feita para nos fazer saber como somos, como Deus é, quais são as ‘naturezas’ das coisas ou as leis da geometria – é para salvar-nos, assim, por meio do

conhecimento da verdade. A única verdade que as Escrituras nos revelam, aquela que não pode, no curso do tempo, sofrer nenhuma desmistificação – visto que não é um enunciado experimental, lógico, metafísico, mas sim um apelo prático – é a verdade do amor, da *caritas*. (VATTIMO, 2006, p. 71).

Estaria Vattimo abandonando o logos grego em função da experiência ética de matriz judaico-cristã? Ou o horizonte da *caritas* que se delineia é apenas o referencial hermenêutico decorrente do pensamento frágil? Talvez. Do ponto de vista filosófico, o filósofo italiano associa niilismo a *kénosis*, numa visão otimista da secularização. Tese de difícil sustentação a nosso ver. São suas as palavras que se seguem:

o niilismo se assemelha demasiado à *Kénosis* para se poder ver em tal semelhança apenas uma coincidência, uma associação de idéias. A hipótese a que somos levados é que a própria hermenêutica, como filosofia que traz consigo certas teses ontológicas, seja fruto da secularização, como retomada, prosseguimento, aplicação, interpretação dos conteúdos da revelação cristã da encarnação de Deus. (...) A *Kénosis*, acontece como encarnação de Deus e, por último, como secularização e enfraquecimento do ser e de suas estruturas fortes (até a dissolução do ideal de verdade como objetividade) acontece, ao contrário, por uma lei da religião. (VATTIMO, 1999, p. 80-81).

No que diz respeito à secularização – que para Marià Corbi (2008, p. 81-116) se bifurca em duas, ou seja, a primeira como consequência das guerras de religião e a segunda como secularização da vida espiritual mesma –, afirma Vattimo:

Secularização como fato positivo significa que a dissolução das estruturas sagradas da sociedade cristã, a passagem a uma ética da autonomia, à laicidade do Estado, a uma literalidade menos rígida na interpretação dos dogmas e dos preceitos, não deve ser entendida como um acréscimo ou despedida do cristianismo, mas como uma realização mais plena de sua verdade que é, recordemo-lo, a *Kénosis*, o rebaixamento de Deus. (VATTIMO, 1998a, p. 39).

Aqui caberia a pergunta sobre uma possível mudança vetorial da *kénosis*, ou seja, não apenas o rebaixamento de Deus em favor do humano: haveria um caminho que conduza do humano ao divino, do vazio a Deus? Ainda não se pode afirmar isso com Vattimo, uma vez que seu horizonte é apenas racional e filosófico, não ainda teológico, consequência das premissas que ele adota de Nietzsche e Heidegger. Mesmo rejeitando as idolatrias de um Deus como ato puro, pensamento de pensamento, não chega à experiência profunda do *encontro*. Encontro de Deus com a humanidade e a abertura do horizonte de salvação, justamente a partir da *kénosis*. *Caritas* é fruto do encontro amoroso. “Não é a ciência que redime o homem. O homem é redimido pelo amor” (*Spe*

Salvi, nº 26). Sem essa experiência a nosso ver teológica, Vattimo permanece um hermeneuta da modernidade, pois para ele,

Não há nenhum limite objetivo da secularização; o princípio de Santo Agostinho, “ama et fac quod vis”, vale também para a interpretação da Escritura. O sentido do reconhecimento do parentesco com a hermenêutica niilista e, para a dogmática cristã, o vir à luz da caridade, como único conteúdo decisivo da mensagem evangélica. (VATTIMO, 1999, p. 78).

Daqui decorre uma consequência lógica que diz respeito à autoridade. Estando na idade da interpretação, todo homem é um intérprete e “não simplesmente alguém que passivamente contempla a verdade ou a presume” (VATTIMO, 2010a, 77), e a Igreja deveria ser apenas uma comunidade da *caritas* (VATTIMO, 2010a, 75). Consequência disso é a ideia de Vattimo sobre a interpretação livre das Escrituras.

O cristianismo em certo sentido *não é uma religião*. Aqui fala mais alto o horizonte antepredicativo da perspectiva judaico-cristã, o chão da vida antes da tematização, a escuta antes da cristalização imagística do ver, a vida antes do conceito. Mas caberia perguntar se instituir não é também um modo de ser humano, se falamos de um cristianismo não religioso como quer Vattimo, entendemos a religião como Instituição; ora, não quer ele, portanto, instituir a des-instituição?

Concordamos com Girard quando diz que verdade e amor coincidem no cristianismo, e são a mesma coisa (VATTIMO, 2010a, 48). É óbvio que Girard não está tratando da verdade lógica ou metafísica, mas da verdade ética. Por isso, Vattimo pode afirmar que “Deus não é o conteúdo de uma proposição verdadeira” (VATTIMO, 2010a, 50). E o que permanece no horizonte da época da interpretação é o seguinte:

Compreende-se que é ainda possível falar de verdade, mas só porque no acordo realizamos a *caritas*. A *caritas*, no terreno das opiniões, no terreno das escolhas de valores, torna-se verdade quando é compartilhada. (VATTIMO, 2010a, 52).

5. Epílogo

Por fim, refletimos que a verdade da *caritas* é anterior à verdade da *veritas*. Primeiro o chão da vida, depois as formulações racionais e científicas. E nisso concordamos com Vattimo. Segundo, religião é encontro e não verdade teórica ou dogma. Mas ainda é cedo para concordar com sua visão de instituição, autoridade e interpretação: como filho de Heidegger, pode-se recorrer ao próprio mestre para questionar tais posições. Aqui nos referimos à obra *Vom Wesen des Grundes*, onde

Heidegger estabelece a tríplice interpretação do fundar como *tomar base, dar fundamento*, mas sobretudo como *Instituir (stiften)*. Pensar é sempre um instituir: se critico uma instituição, apenas a substituo. Mas o relativismo de Vattimo relativismo deriva da *caritas*. É em função da *caritas* que se devem admitir visões múltiplas da realidade. Acreditamos que o futuro da religião, como o entende Vattimo, é uma decorrência de seus pressupostos filosóficos aliados à sua formação religiosa e moral. Ele não chega a ser agnóstico em nome do *pensiero debole*, mas também não se converte, no sentido tradicional, ao cristianismo. Sua postura é aquela de quem depura a tradição.

Aqui se encerra essa proposta, fruto de um projeto de pesquisa em andamento. Gostaríamos apenas de reprisar, mais uma vez, algumas palavras de Vattimo, quando diz:

A caridade, destinada a permanecer mesmo quando a fé a esperança já não forem necessárias, uma vez realizada completamente o reino de Deus – parece-me justificar plenamente a preferência por uma concepção “amigável” de Deus e do sentido da religião. Se isto é um excesso de ternura, foi o próprio Deus que dele nos deu o exemplo. (VATTIMO, 1999, p. 99).

6. Referências

BENTO XVI, **Spe Salvi**, São Paulo: Edições Loyola, 2007.

CORBÍ, Marià, La gran crisis de las religiones y el auge de los integrismos. In MOREIRA, Alberto Silva; OLIVEIRA, Irene Dias, **O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural**. São Paulo: Pulinas, 2008.

GIRARD, René, **A violência e o sagrado**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

MOREIRA, Alberto Silva; OLIVEIRA, Irene Dias, **O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural**. São Paulo: Pulinas, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Vom Wesen des Grundes**. 7 ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1983.

VATTIMO, Gianni, **Al di là del soggetto: Nietzsche, Heidegger e l'ermeneutica**. 3. Ed. Milano: Feltrinelli, 1990.

VATTIMO, Gianni, **La fine della modernità**. Milano: Garzanti, 1991.

VATTIMO, Gianni & ROVATTI, PIER ALDO, **Il pensiero debole**, 10 ed. Milano: Feltrinelli, 1995.

VATTIMO, Gianni, **Acreditar em acreditar**. Lisboa: Relógio D'água, 1998a.

VATTIMO, Gianni, **La fine della modernità**. 2. ed. Milano: Garzanti, 1998b.

VATTIMO, Gianni, **Para além da interpretação: o significado da hermenêutica para a filosofia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

VATTIMO, Gianni, **Dopo la cristianità: per um cristianesimo non religioso**. Milano: Garzanti, 2002.

VATTIMO, Gianni; RORTY, Richard; ZABALA, Santiago. **O futuro da religião: solidariedade, caridade e ironia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

VATTIMO, Gianni, **Cristianismo e relativismo: verdade ou fé frágil?** Aparecida-SP: Editora Santuário, 2010a.

VATTIMO, Gianni, Morte de Deus e o fim da metafísica: a luta contra os absolutos. **Revista do Instituto humanitas Unisinos**, São Leopoldo-RS, Ano X, n. 354, p. 5-7, dez/2010b.